

Revista de Literatura,
História e Memória

Narrativas de
extração histórica

ISSN 1809-5313

VOL. 4 - Nº 4 - 2008

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 289-301

UM TÁXI PARA VIENA D'ÁUSTRIA: O HOMEM CONTEMPORÂNEO NOS LABIRINTOS DA RELATIVIZAÇÃO

TESTI, Edna de Moraes Pereira¹

RESUMO: Estudos da teoria e crítica literária demonstram que o romance tem assumido uma ampla variedade de formas e temas ao longo dos tempos, mantendo-se num constante processo de transformação, ora paulatino, ora intenso, mas sem jamais haver cessado, como bem atestam as mais inusitadas feições assumidas por determinados romances contemporâneos. A nosso ver, esta inquietação fundamenta-se no que constitui a razão de ser do gênero: a pretensão nada modesta de atingir uma forma ideal de representação do mundo com seu eminente protagonista – o homem. A complexidade do romance faz jus à existência complexa do ser que o inspira. E, a propósito, o romancista e crítico literário Ernesto Sabato, em sua obra *O escritor e seus fantasmas* (2003), afirma que esta relação torna-se bem mais intensa nos romances dos últimos tempos: “o romance jamais esteve tão carregado de idéias quanto está hoje e jamais, como hoje, se mostrou tão interessado em conhecer o homem”. Neste trabalho, tomamos como objeto de estudo o romance *Um táxi para Viena d'Áustria* (1991), de Antônio Torres. Retrato de uma sociedade, metáfora de um país, reflexo da condição humana nos anos finais do século XX, a narrativa em questão abre-se a várias possibilidades de leitura. Apresentamos, aqui, uma análise da principal dicotomia manifestada pelo seu personagem central, Watson Rosavelti Campos ou, simplesmente, Veltinho, que pode ser considerado uma representação perfeita do homem contemporâneo, ou seja, um sujeito desnordeado em meio à intensa e generalizada relativização de formas e valores. Ao proceder à leitura deste personagem, vemos, também, pelos meandros da arte literária, segmentos da História Contemporânea, uma vez que o homem é um ser social e, conseqüentemente, o produto estético que emana da sua sensibilidade – nesse caso, a literatura – oferece um importante testemunho da realidade de seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e História, Romance, Relativização.

ABSTRACT: According to literary critical and theory studies, novel has assumed an ample variety of forms and subjects throughout the times, remaining in one constant process of transformation, sometimes slow and others intense, but without never having ceased, as the most unusual features assumed by determined contemporary novels certify. In our opinion, this inquietude is based on the reason for being of the genre: the ambitious pretension to reach an ideal form of representation of the world with its eminent protagonist - man. The complexity of the novel has a right to the complex existence of the being that inspires it. And, by the way, the

novelist and literary critic Ernesto Sabato, in his essay book *The writer and its ghosts* (2003), contends that this relation becomes well more intense in last times novels: "the novel never was so loaded of ideas how much it is today and never, as today, it showed so interested in knowing man". In this essay, we take as study object the novel *Um táxi para Viena d'Áustria* (1991), by Antônio Torres. Society picture, country metaphor, reflex of the human condition in the final years of century XX, the mentioned narrative allows some reading possibilities. We present, here, an analysis of the main dichotomy revealed by its central character, Watson Rosavelti Campos or, simply, Veltinho, who can be considered a perfect representation of the contemporary man, that is, a perplexed citizen surrounded by intense and generalized values relativization. When proceeding to the reading of this character, we read, also, for the meanders of the literary art, segments of Contemporary History, since man is a social being and, consequently, the esthetic product that emanates of his sensitivity - in this case, literature - offers an important certification of the reality of his time.

KEY-WORDS: Literature and History, Novel, Relativization.

Desde o seu surgimento, na idade média, o romance tem passado por constantes e profundas transformações, fazendo com que teóricos e críticos literários, tanto vanguardistas quanto conservadores, manifestassem opiniões discrepantes a seu respeito, sendo que alguns chegaram a anunciar uma *crise* do gênero, ou mesmo sua *morte*. "De uma forma ou de outra, diferentes ensaístas reiteraram esse juízo fúnebre" (SABATO, 2003, p. 91). Entre eles figura Sartre (SCHÜLER, 2000, p. 8), Massaud Moisés (MOISÉS, 1982, p. 95) e, com distinção, Georg Lukács, cuja *Teoria do Romance*, escrita entre 1914 e 1918, aponta:

A evolução histórica não foi além do tipo do romance da desilusão, e a mais recente literatura não revela nenhuma possibilidade essencialmente criativa, plasmadora de novos tipos: há um epigonismo eclético de antigas espécies de configuração, que apenas no formalmente inessencial — no lírico e no psicológico — parece ter forças produtivas (LUKÁCS, 2000, p. 158-159).

Já Aguiar e Silva refere-se de forma muito sutil ao anúncio do aniquilamento do romance:

Segundo alguns críticos, o romance actual, depois de tão profundas e numerosas metamorfoses e aventuras, sofre de uma insofismável crise, aproximando-se do seu declínio e esgotamento. Seja qual for o valor de tal profecia, um facto, porém, não sofre contestação: o romance permanece a forma literária mais importante do nosso tempo, pelas possibilidades expressivas que oferece ao autor e pela difusão e influência que alcança entre o público (AGUIAR E SILVA, 1974, p. 21).

Ao que parece, na opinião do teórico português, em se tratando da tão anunciada *crise* do romance, se se considerar que é fato a sua existência, o melhor

é considerá-la como colaboradora ou até mesmo provocadora das inovações que possibilitaram crescimento ao gênero; senão, pelo menos, tratá-la com indiferença. Na verdade, se não faltou quem acusasse e até condenasse o polêmico romance, “o pomo de discórdia” nas palavras de Bourneuf e Ouellet (1976, p. 12), ou mesmo quem previsse a sua extinção ou dizimação, também não faltou quem o defendesse. Ernesto Sabato, por exemplo, entende que a principal causa da falácia em torno da morte do romance fundamenta-se no deslize que se comete quando “se julga o novo com os critérios que serviram para o velho”, o que leva a confundir “transformação” com “decadência” (SABATO, 2003, p. 92). Para o escritor argentino,

O romance do século XX não somente dá conta de uma realidade mais complexa e verdadeira do que o do século passado, como adquiriu uma dimensão metafísica que não tinha. A solidão, o absurdo e a morte, a esperança e o desespero são temas perenes da grande literatura. Mas é evidente que foi necessária esta crise geral da civilização para que adquirissem sua terrível vigência, do mesmo modo que, quando um barco afunda, os passageiros deixam seus jogos e frivolidades para enfrentar os grandes problemas finais da existência, que, no entanto, estavam latentes em sua vida normal (SABATO, 2003, p. 92).

Entre tantos outros defensores do romance moderno, interessa destacar Ferenc Fehér, da escola de Budapeste, por ser ele um dos discípulos de Lukács, cuja opinião pessimista acerca do romance mencionamos acima. Por volta de 1970, Fehér publica o ensaio *O romance está morrendo?*, que ele mesmo julgou ser uma “contribuição à teoria do romance”, orientada no sentido de demonstrar que o gênero romanesco não estava fadado à morte; pelo contrário: as inovações pelas quais vinha passando o renovavam e enriqueciam.

Na introdução da obra de Fehér, Leandro Konder, chamando a atenção para o fato óbvio e simples de que “a vida de um livro não acompanha a vida de seu autor” (KONDER *apud* FEHÉR, 1972, p. xv), afirma que, pouco tempo depois de escrever sua *Teoria do romance*, Lukács teria mudado de perspectiva filosófica e já não acreditava no que havia escrito:

A revolução russa de 1917 estimulou a luta revolucionária em toda a Europa e deu novo alento ao socialismo: Lukács se empenhou a fundo na política e veio a participar do governo de Bela Kun na Hungria. Em sua atividade, ele deixou para trás não só o estado de espírito em que escrevera o livro mas também as categorias de que se servira em sua análise (KONDER *apud* FEHÉR, 1972, p. xv).

E ainda, segundo Konder, na crítica literária que Lukács desenvolveu depois de sua conversão ao marxismo, o romance passou a ser encarado sob pontos de vista bem diferentes daqueles utilizados nos seus estudos anteriores.

Visto que a consagrada teoria lukacsiana parte da afirmação de que “o período épico e seu produto artístico são de uma ordem superior e de maior valor que o capitalismo e sua epopéia, o romance” (FEHÉR, 1972, p. 5), Fehér estabelece um debate com a obra do seu mestre, com o intuito de invalidar a inferioridade generalizada atribuída à narrativa romanesca (e ele obtém sucesso, na opinião de Leandro Konder). Numa citação longa, mas que julgamos necessária, vejamos os termos em que ele concluiu a sua “contribuição à teoria do romance”:

Nossa conclusão final é a rejeição da qualidade “problemática” do romance, apoiados na idéia histórico-filosófica da evolução desigual. Acreditamos ter descoberto a *ambivalência* da nova forma épica pelo fato de ter nascido da primeira sociedade “puramente social” e por ser dependente desta (o capitalismo); logo, ela deve lutar para realizar a sua estrutura e para defender aquilo que foi conquistado na origem, diante de todos os problemas da fetichização capitalista [...]. A essência da estrutura responde a uma missão funcional: mesmo nos seus espécimes mais fetichistas, o romance reforça, no leitor, a consciência de ser o filho da *sociedade social*; graças a todos os seus espécimes não fetichistas, o romance leva ao conhecimento de seu leitor o máximo de possibilidades de humanização de que esta sociedade é capaz; como forma, o romance traça perfeitamente os limites até onde a humanização poderá crescer no seio desta sociedade e, para o leitor, esta é a mais salutar “catharsis” (FEHÉR, 1972, p. 82-83).

Também Forster, em suas conferências sobre o romance, enfatiza o “caráter humano” do gênero romanesco, o qual revela julgar indispensável, essencial:

O caráter intenso e sufocantemente humano do romance não deve ser evitado; o romance está encharcado de humanidade; não há escapatória para a enchente que enaltece ou a vazante que deprecia, nem estas podem se manter infensas à crítica. Podemos detestar a humanidade, mas se ela é exorcizada ou mesmo purificada o romance esmorece, e pouco resta dele a não ser um punhado de palavras (FORSTER, 2004, p. 45).

O romance — esta “inofensiva galinha, que, ciscando na terra e no mato da vida, trouxe à tona tantos objetos, uns apreciáveis, outros não” (FORSTER, 2004, p.200) — seja na origem da palavra que o designa, na afirmação enquanto gênero (a epopéia burguesa), bem como no seu processo evolutivo, parece que teve o seu percurso sempre pelas margens, ou pela contramão, tanto no que diz respeito à estética quanto à moral; gerou discussões polêmicas e foi alvo de rejeições e condenações. No entanto, com a plasticidade de um proteu (SODRÉ, 1998, p. 54), não se prendeu a tradições nem se importou com as inúmeras tentativas da teoria e crítica literária pretensiosas de defini-lo e classificá-lo, empresa esta de resultado quase sempre confuso, insuficiente ou frustrado: “ideológico ou neutro, filosófico ou

ingênuo, gratuito ou comprometido, (o romance) foi tantas coisas opostas entre si, teve e tem uma complexidade tão indecifrável, que sabemos o que é um romance se não nos perguntam, mas começamos a titubear quando a pergunta é feita” (SABATO, 2003, p. 14-15). Trata-se de um gênero narrativo que, simplesmente, assumiu o “domínio da licença” (BOURNEUF & OUELLET, 1976, p. 29), manteve-se em constante renovação e, conseqüentemente, garantiu o seu espaço. Malgrado o crescente sucesso das narrativas mais curtas, como o conto e a crônica, o romance ainda é um gênero muito consumido na atualidade. Esta é uma das evidências da sua sobrevivência, afirma Konder (*apud* FEHÉR, 1972, p. xix): “o público continua comprando os romances que saem; e compra-os cada vez mais, e os lê com interesse cada vez maior”.

Como acabamos de ver, é característica intrínseca do romance uma inquietação, a qual, a nosso ver, fundamenta-se no que constitui a razão de ser do gênero: nada mais nada menos que a busca de uma forma ideal de representação do mundo com seu eminente protagonista – o homem. A complexidade do romance faz jus à existência complexa do ser que o inspira. E é exatamente esta efetiva relação com o ser humano, o caráter humanizador que o romance detém, o elemento chave deste ensaio. Trata-se de um escrito cujo norte pode ser sintetizado lançando-se mão de uma das clássicas proposições de Antonio Candido: “vejamos alguma coisa sobre a literatura como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 1999, p. 82). Compartilhando do pensamento de Ernesto Sabato, quando ele afirma que “o romance jamais esteve tão carregado de idéias quanto está hoje e jamais, como hoje, se mostrou tão interessado em conhecer o homem” (SABATO, 2003, p. 15), pretendemos, por meio da leitura do romance *Um táxi para Viena d’Áustria*, de Antônio Torres, proceder a uma leitura do homem contemporâneo e, assim, pelos meandros da literatura, ler, também, uma face da História Contemporânea, uma vez que o homem é um ser social e a literatura é um produto estético que dele emana.

Na opinião de Sabato,

O homem de hoje vive em alta tensão, diante do perigo da aniquilação e da morte, da tortura e da solidão. É um homem de situações extremas, chegou aos limites últimos de sua existência ou está diante deles. A literatura que o descreve e o interroga só pode ser, portanto, uma literatura de situações excepcionais (SABATO, 2003, p. 84).

A dicotomia entre o sagrado e o profano constitui uma das facetas da “alta tensão” a que Sabato alude e que se revela intensamente na saga do personagem protagonista de *Um táxi para Viena d’Áustria*, Watson Rosavelti Campos, ou simplesmente Veltinho, conforme passamos a demonstrar. Antes, porém, vejamos a obra em linhas gerais.

Do início ao fim, reina a incerteza em *Um táxi para Viena d'Áustria*. Do seu enredo, o que sabemos ao certo é, apenas, que um homem desce, apressadamente, as escadas de um prédio, entra num táxi e, vencido pelo cansaço, cochila. Como o trânsito está engarrafado, por causa de um acidente provocado por um caminhão da Coca-Cola, quando ele desperta, o táxi está no mesmo lugar. Então, ele desce e caminha sobre os cacos das garrafas em direção à praia, enquanto, desiludido, nutre o desejo de ir para um lugar bem longe, onde nem Deus sabe onde fica. Os demais episódios que integram a narrativa acontecem na mente deste homem durante o seu cochilo, numa espécie de sonho (TORRES, 2002, p. 220), e parecem ser fragmentos de memória e imaginação, sem haver como discernir o que pertence a uma e outra. Isto faz com que, num romance de 222 páginas, tudo que se narra da página 24 a 221 seja extremamente incerto, como é próprio dos sonhos. A propósito, no parágrafo inicial da obra, o narrador previne: "Pode ser tudo e pode não ser nada" (TORRES, 2002, p. 7).

O homem que entra no táxi é Veltinho. Durante o seu sonho, ou "vigília" – "um estágio muito tranqüilo", em que a mente permanece desperta e os sentidos atuam "para o lado de fora" (TORRES, 2002, p. 42), revelam-se elementos que permitem delinear o seu possível perfil e, conseqüentemente, levantar hipóteses a respeito da acentuada desilusão que o assola no desfecho da narrativa.

Ex-empregado-padrão (TORRES, 2005, p. 35), Veltinho anda angustiado e não sabe o que vai acontecer-lhe. Pode ser que seja apanhado pela polícia e tenha que responder em juízo pela morte de Cabralzinho. Mas não é somente a possibilidade de ser detido que o incomoda e faz temer, inclusive porque ele já revelou que julga incompetente o poder policial (TORRES, 2002, p. 8, 10, 73, 207). Na verdade, há algum tempo, e mais intensamente nos últimos quatro meses (TORRES, 2002, p. 146), as coisas desandaram para ele: o desemprego afastou-o radicalmente do tempo áureo em que "o telefone não parava de tocar" e ele vivia recebendo "presentes, afagos e mimos" (TORRES, 2002, p. 43). Com o rompimento do vínculo empregatício, passou a ficar em casa, solitário, dia após dia. A mulher saía para o trabalho e os filhos para a escola; a faxineira, nos dias em que vinha, estava sempre apressada e preferia que ele saísse para não atrapalhá-la (TORRES, 2002, p. 135-136); nesse caso, sem rumo nem destino, ia para a rua. O fato é que, tanto em casa como nas ruas — "Ruas selvagens, apinhadas de carros, rajadas de balas e ainda assim ermas? Humanamente vazias?" (TORRES, 2002, p. 54), Veltinho sentia-se muito só. Nos últimos tempos, a solidão tornou-se-lhe uma fiel e indissociável companhia e perseguia-lhe a sensação de estar sempre "onde ninguém está" (TORRES, 2002, p. 179). Por conseguinte, sua auto-estima despencou: era difícil para um famoso redator, que havia trabalhado por oito anos numa das maiores empresas

de publicidade do país, um comunicador por excelência, não ter com quem falar e ocupar as horas dos seus dias apenas com tarefas domésticas:

comprar pão, jogar o lixo fora, encarar fila de banco dobrando quarteirão no fim do mês, para pagar as contas, fazer o lanche quando a galera voltava da escola (e como adolescente come), fazer café, espremer laranja, descascar abacaxi, lavar o espremedor e o liquidificador e tudo o mais que não cabia na máquina de lavar pratos, ajudar a pôr a mesa, a tirar a mesa... (TORRES, 2002, p. 180),

e nem sempre ser tratado com o devido reconhecimento ou, o que é pior, com a necessária paciência quando lhe faltava um pouco de jeito na realização do trabalho. Ou seja, também passou a fazer parte da sua rotina

levar bronca quando fazia perguntas idiotas, onde está o molho da salada, cadê isso, cadê aquilo, olha aí, bem debaixo do seu nariz, puxa, você nunca acha nada, tem sempre que me interromper para pegar as coisas que estão na sua cara, engolia em seco e ia tentando ajudar, estava por baixo até dentro de casa (TORRES, 2002, p. 180).

Além da drástica mudança para uma nova função e dos termos a que se sujeitava ao levá-la a efeito, não recebia férias pelo serviço prestado e, acostumado que estava a um gordo salário no final do mês, agora tinha que regular cada trocado, pois o dinheiro do acerto de contas com a empresa não duraria por muito tempo (TORRES, 2002, p. 154). Vendera o carro, “para juntar mais dinheiro ao bolo de suas reservas [...] Daqui a pouco iria estar comendo um carro [...] E quando o dinheiro do carro também acabasse?” (TORRES, 2002, p. 198). Os dias passavam e não surgia qualquer aceno de novo emprego. “Suas reservas estavam se evaporando” (TORRES, 1992, p. 177). Até que, graças à exibição de um programa de entrevistas da TV-Educativa, ele reencontra Cabralzinho, escritor premiado que entrevistara quando em início de carreira, há vinte e cinco anos. Redescobrir Cabralzinho fez com que Veltinho se lembrasse de um tempo em que se sentia muito vivo, das aventuras e desafios que enfrentara quando viera do Nordeste com destino a São Paulo: o frio, o primeiro emprego na fábrica de rolamentos e logo depois num jornal: “Comecei na Revisão, mas já estou na Redação. Ainda ganho pouco. Não importa. Estou aprendendo. E cá vou indo, a caminho de mais uma tarefa” (TORRES, 2002, p. 104). Referia-se justamente à entrevista com o escritor “Revelação do Ano” — Cabralzinho (TORRES, 2002, p. 97). Ainda que estes fatos tivessem acontecido há vinte e cinco anos, reencontrá-lo poderia sinalizar para uma reviravolta no seu quadro atual. Entretanto, o que poderia equivaler a uma esperança, subitamente, transforma-se numa desgraça, já que, por piedade e so-

bressalto, ele acaba por atirar em Cabralzinho ao vê-lo se contorcer de dores em sua frente e a clamar por alívio (TORRES, 2002, p. 216-217).

Como podemos notar, o protagonismo no assassinato de Cabralzinho vem inserir um grave complicador numa situação que já era, de fato, precária. O crime cometido não representava apenas uma ameaça à perda de liberdade, caso viesse a ser pego pela polícia, mas eliminava qualquer possibilidade de reafirmação pessoal e profissional, o fazia sentir-se sem “destino sobre a terra” (TORRES, 2002, p. 28), semelhante ao negro que matara Martín Fierro, num conto de Jorge Luís Borges. A terra é, a um só tempo, a morada-mãe e a mãe-morada do ser humano. Que fazer quando já não se tem um destino sobre ela?

A morte de Cabralzinho desencadeia um agravamento na crise interior de Veltinho. É verdade que ele já andava refletindo bastante sobre a vida, mas, agora, vêm à tona inúmeras situações inquietantes de sua existência, desde a sua origem até os dias atuais, como: o seu nome, o seu pai, a sua mãe, sua infância, sua partida do nordeste com destino a São Paulo e depois ao Rio de Janeiro, suas aventuras amorosas, sua convivência com colegas de trabalho, a falência do seu relacionamento conjugal... Ao lado destas questões pessoais surgem outras, de cunho social, que são apresentadas de forma sutil, integradas ao cotidiano das pessoas, como: a crescente violência e a falta de segurança no Rio de Janeiro, a corrupção de autoridades constituídas, a incompetência de dirigentes nacionais, a discriminação e exploração das minorias (negros, pobres, idosos, etc.), os crimes ambientais, a desigualdade social, etc., sobre as quais apresenta aguçado senso crítico e nenhuma esperança de superação. O constante e intenso pensar e repensar de Veltinho, nos primeiros instantes após o disparo daqueles tiros em direção a Cabralzinho, culmina num ápice reflexivo que o leva a uma dolorosa conclusão: o mundo que o rodeia é extremamente defeituoso e é negativo o saldo de sua interação com este mundo — mundo frio e calculista, cujos prazeres são demasiadamente efêmeros: uma vez cessados, instala-se um enorme vazio existencial. Ele sente-se infeliz e desorientado. Surge daí o seu premente desejo de evasão. Não se trata apenas de fugir da polícia, mas de fugir de seu mundo. E fugir para onde? Para Viena d'Áustria, em primeiro lugar, mas também para muitos outros lugares, conhecidos ou a conhecer, pertencentes ao plano da realidade ou ao plano da imaginação. O que mais interessa neste ponto da nossa análise é verificar em que medida a natureza dos espaços evocados por Veltinho, no auge de sua tensão com o mundo, aproximam-se ou distanciam-se do sagrado e do profano.

A dialética entre o sagrado e o profano apresenta-se como elemento de particular importância na configuração do personagem em estudo. Importa mencionar, aqui, que quem se dispõe a tratar do sagrado e do profano passa, inevitavel-

mente, pelo campo da religião, campo este que, por causa das polêmicas discussões que normalmente o envolvem, tem sido considerado por alguns como um “vespeiro”. Pode ser que esta tendência decorra exatamente da forma com que tradicionalmente se tem lidado com o que é visto como sagrado, ou seja, com o princípio da intocabilidade. Contudo, para não fazer vista grossa a uma característica veemente no romance em questão e por entendermos que, na contemporaneidade, a religião, sob uma infinidade de credos e práticas, faz parte do cotidiano de multidões, decidimos assumir os riscos e enveredar por este caminho. Ademais, conforme explicitamos anteriormente, o objetivo deste trabalho funda-se no interesse de, por meio de uma obra literária, investigar o homem contemporâneo, e, neste sentido, lembramos o que diz Mircea Eliade:

o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história. Esses modos de ser no Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem apenas o objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser *sagrado e profano* dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e conseqüentemente, interessam não só ao filósofo mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana (ELIADE, 1992, p. 20).

Destarte, não vemos como nos furtarmos a este enfoque. Passemos, então, ao apontamento das principais incidências do sagrado e do profano no percurso de Veltinho.

Na composição do seu perfil, percebe-se uma inclinação do personagem a uma vida mundana, já que regada à promiscuidade sexual (TORRES, 2002, p. 36, 79, 157), mentira (TORRES, 2002, p. 35), maledicência (TORRES, 2002, p. 36), “álcool e nicotina” (TORRES, 2002, p. 95, 148, 181, 182) e, finalmente, um assassinato (TORRES, 2002, p. 59). Este último desequilibrou-o de forma radical e fê-lo encarar a vida com outro olhar, um olhar muito parecido com o que é próprio do homem religioso. Os tiros que teria disparado contra Cabralzinho, atingindo-o fatalmente, fizeram-no um assassino. Matar um homem era um pecado mortal segundo os veementes ensinamentos de sua católica mãe. Ensinamentos aos quais, pelo visto, até então não creditava muita importância. O fato de ter-se tornado um criminoso, fez com que elaborasse uma nova visão das experiências vividas; ao que tudo indica, uma visão religiosa. Mas, quais as características deste novo olhar? Ou qual a diferença entre a mundividência de um homem religioso e a de um homem não-religioso?

Para o homem das sociedades arcaicas, quando ainda não se tinha dominado a Ciência, quase tudo que acontecia guardava íntima relação com o transcendente: os deuses criadores e guias do universo. As grandes descobertas científicas, porém,

encontrando explicações para os fenômenos outrora inexplicáveis, começaram a induzir o homem a descrever do transcendental, ao qual se deixou de atribuir tanto poder.

De acordo com Mircea Eliade (1992, p. 27, 54), vive-se, hoje, uma vida dessacralizada, pois ao longo dos tempos se foi perdendo a acepção sagrada do mundo. Para o homem moderno,

um ato fisiológico — a alimentação, a sexualidade etc. — não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva [...]. Mas para o “primitivo” um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado (ELIADE, 1992, p. 20).

É certo que houve um distanciamento entre a visão de mundo patente no homem das sociedades primitivas e a que dirige as experiências do homem na modernidade. Para este, predominantemente, a realidade que o cerca é o que é em decorrência das leis químicas e físicas que regem o universo, sem representar nada mais além do ser em termos concretos, enquanto que o homem religioso tende para uma vida pautada por hierofanias, ou seja, a revelação do sagrado a partir de eventos e/ou elementos comuns da realidade objetiva (ELIADE, 1992, p. 18), como o espaço, o tempo, a natureza. Entretanto, afirma Eliade: “uma tal existência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso” (ELIADE, 1992, p. 27). Ainda que o homem moderno detenha uma visão não-religiosa do mundo, faz-se presente no seu comportamento uma certa ânsia pelo sagrado. Mesmo quando empreende esforços com o objetivo de provar a inexistência do transcendental acaba por valorizá-lo, já que “quando nós não temos a certeza da existência dum alvo diante de nós, não há muita razão para disparar contra ele” (SHEEN, 1957, p. 207). No caso de Veltinho, o retorno a espaços freqüentados na infância, como as praias tranqüilas e a casa do bisavô; a sensação de estar no céu, no colo da virgem Maria, ou numa catedral em Viena d’Áustria; o questionamento acerca da existência de Deus e a sua possível interferência na vida dos homens, socorrendo-os em situações-problema, não seriam manifestações do desejo de um vínculo com o sagrado? Um homem plenamente não-religioso consideraria a possibilidade de as forças dos astros interferirem na vida dos homens (TORRES, 2002, p. 11)? Admitiria a ocorrência de presságios (TORRES, 2002, p. 31)? E que o seu problema é a falta de fé em alguma coisa (TORRES, 2002, p. 124)?

Para o homem religioso, existe o espaço sagrado, “o único que é *real*, que existe *realmente*” (ELIADE, 1992, p. 25), e outros espaços não-sagrados, “a extensão informe que o cerca” (ELIADE, 1992, p. 25). Em todos os planos da

existência do homem religioso, verifica-se o desejo de viver no sagrado, a fim de esquivar-se da relatividade das experiências subjetivas e posicionar-se mediante a realidade objetiva (ELIADE, 1992, p. 32). Entretanto, o desejo “de mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado”, é o mais evidente (ELIADE, 1992, p. 32). Por isso, o homem religioso preocupa-se com a demarcação de espaços sagrados, os quais se tornam espaços referenciais, em contraposição ao caráter eminentemente relativo do espaço profano. “Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma *orientação* pode efetuar-se, a hierofania revela um ‘ponto fixo’ absoluto, um ‘Centro’” (ELIADE, 1992, p. 26). Por meio de uma hierofania, um local ou um objeto qualquer que integre o mundo natural passa a deter e revelar significados sagrados (ELIADE, 1992, p. 17). Para o homem religioso, esta crença possui um valor extremo, existencial, pois, no seu entendimento, estabelecer um centro equivale a propiciar a fundação do mundo — o mundo de que se necessita para viver, “e nenhum mundo pode nascer no ‘caos’ da homogeneidade e da relatividade do espaço profano” (ELIADE, 1992, p. 26). Estar no “caos” é estar no “nada”. Se, por acaso, o homem se perde no interior do espaço profano, “sente-se esvaziado de sua substância ‘ôntica’, como se estivesse dissolvendo-se no Caos, e acaba por extinguir-se” (ELIADE, 1992, p. 60). O Caos é o extremo oposto do Cosmos, o universo criado e organizado pelos deuses de forma perfeita nos primórdios dos tempos. Acontece que, “o Dragão primordial vencido pelos deuses” (ELIADE, 1991, p. 46), com o propósito de se vingar, insiste em perturbar a ordem, a harmonia que transforma o mundo em Cosmos. Primitivamente, foi nestes termos que se estabeleceu a simbólica demanda entre os deuses criadores do Cosmos e o Dragão, representante do Caos. Com o passar do tempo, o Dragão passou a ser interpretado como o inimigo do homem e sua imagem foi suplantada pelo Demônio ou pela Morte, e, mais recentemente, pelo resultado da ação de ambos: a destruição humana (ELIADE, 1991, p. 47-48). Esta é, sem dúvida, uma forma estritamente religiosa de se conceber a criação do mundo e os perigos que o ameaçam. Apesar de parecer distante, resquícios desta conceituação persistem até a atualidade no imaginário do homem, pois quando utilizamos termos como “caos”, “desordem”, “trevas” com o fim de indicar alguma situação que ameaça nossa casa, nossa cidade, “nosso mundo”, particular ou coletivo, estamos lançando mão de uma terminologia oriunda da concepção ora apresentada, a qual integra nossa “herança imemorial”, ainda que não tenhamos consciência disso (ELIADE, 1991, p. 48).

Veltinho, vitimado por uma seqüência de acontecimentos que o abalará, afirma que está “sem destino sobre a terra” (TORRES, 2002, p. 28). Amparados na concepção religiosa de mundo que acabamos de ver, podemos inferir que ele

perdeu o seu “Centro”, o seu “ponto fixo”. O seu “Cosmos” foi violado, “desordenado” e ele encontra-se em ruína. O comportamento que passa a adotar, diferindo-se do costumeiro, assemelha-se ao de um homem religioso. E é para uma concepção religiosa da vida que ele começa a se voltar. Conforme já mencionamos, após o assassinato de Cabralzinho, ele realiza abruptos deslocamentos espaciais, apesar de permanecer inerte no interior de um táxi, e, por meio da imaginação ou da memória, visita espaços que guardam alguma correlação com o sagrado, como a casa da mãe, a catedral consoladora em Viena d’Áustria, o colo da Virgem Maria, além de outros. Entretanto, sacramentando a idéia de que está sem rumo sobre a terra, pouco desfruta do aconchego propiciado por estes espaços edênicos e, um a um, ele os renega, apresentando a si mesmo argumentos que os invalidam. Seguindo nesta dialética até o final do romance, sela-o com a manifestação de um extremo mal-estar existencial:

Agora tenho vontade de correr, correr, correr. Como um atleta, um louco, um bandido. Mas não. Vou andar por aí, bem devagar, vestido de luz, embriagado de luz, e chegar ao topo da montanha mais alta que houver, para ficar mais perto do céu. Até que venha uma nuvem e me leve para um lugar tão longe que nem Deus sabe onde fica (TORRES, 2002, p. 222).

Jiang Chang, no artigo *The Contemporary Conflict of Values*, afirma que o conflito de valores não é um fenômeno único de nosso tempo, mas ocorre desde a idade antiga, manifestando, em cada época, suas peculiaridades. Na era atual, a superação de fronteiras geográficas e de comunicação propicia o acesso à cultura do outro e dissemina a idéia do pluralismo, atenuando, cada vez mais, a concepção do absoluto: “todos os valores e princípios de valores são sempre relativos a diferentes sociedades, grupos e pessoas, e, conseqüentemente, não possuem efetividade universal e eterna” (JIANG CHANG, Internet). Se pensarmos nos arquétipos *cosmos e caos, céu e inferno, bem e mal, Deus e demônio, pobreza e riqueza*, e tantos outros, veremos que os conflitos de valores remontam aos primórdios da criação e que, desde sempre, o homem busca uma orientação para sua existência. Contextos que possibilitam a crença num valor absoluto propiciam aos conflitos um certo abrandamento (que pode ser ilusório, é preciso admitir), ao passo que os que rejeitam o absoluto permitem-lhes intensificar-se. O certo é que, no plano da realidade ou da ficção, a fim encontrar a tão almejada felicidade, o homem tem manifestado, ao longo de sua história, um impetuoso desejo de superar definitivamente tais conflitos, embora nem sempre tenha consciência disso.

NOTAS

- ¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, professora de Língua Portuguesa da rede estadual de ensino do Estado do Paraná.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *A estrutura do romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.
- BOURNEUF, Roland e OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Tradução de José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.
- _____. *Remate de Males*. Revista do Departamento de Teoria Literária. IEL/UNICAMP. Campinas, número especial Antonio Candido, 1999.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FEHÉR, Ferenc. *O romance está morrendo?* Contribuição à teoria do romance. Tradução de Eduardo Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do Romance*. Organização Oliver Stallybrass; tradução Sergio Alcides; prefácio Luiz Ruffato. São Paulo: Globo, 2004.
- JIANG CHANG, Feng Jun. The Contemporary Conflicts of Values. Disponível em <http://www.bu.edu/wcp/Papers/Valu/ValuChan.htm>. Acesso em: 16 out. 2007.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. Tradução Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SCHÜLER, Donald. *Teoria do Romance*. São Paulo: Ática, 2000.
- SHEEN, Fulton J. *O drama do ateísmo*. Porto: Edições Itinerário, 1957.
- TORRES, Antônio. *Um táxi para Viena d'Áustria*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.